



TRAÇOS PERVERSOS:
A INVISIBILIDADE DE UM OUTRO ENQUANTO SUJEITO DESEJANTE

Júlia Machado Scarabelot

Caxias do Sul, 2022

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

TRAÇOS PERVERSOS:
A INVISIBILIDADE DE UM OUTRO ENQUANTO SUJEITO DESEJANTE

Trabalho apresentado como requisito parcial para a aprovação na disciplina PSI4049 – Trabalho de Conclusão de Curso II , sob a orientação da Profa. Dra. Tânia Maria Cemin.

Júlia Machado Scarabelot

Caxias do Sul, 2022

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta trajetória, muitos desafios foram superados e por isso, quero agradecer imensamente as pessoas especiais que estiveram ao meu lado. Primeiramente, quero desejar meus mais sinceros e intensos agradecimentos à minha orientadora e professora doutora Tânia Maria Cemin, que disponibilizou do seu tempo e conhecimento para me guiar com muita paciência e carinho. Muito obrigada por ter me acolhido e me trazido palavras de conforto e calma em todos os momentos; sempre terei você como um modelo de pessoa e profissional!

Agradeço à minha mãe Andréia Pereira Machado, minha maior inspiração. Sou grata por ter uma mulher determinada, forte e atenciosa me apoiando e incentivando todos os dias. Sem você nada disso estaria sendo possível, obrigada por todo apoio, em todos os sentidos. Me sinto abençoada por ter a mãe e a melhor amiga na mesma pessoa. Quero agradecer também aos meus avós, Osvaldo e Terezinha Scarabelot, vocês são minha base, obrigada por sempre acreditarem em mim e priorizarem minha educação e independência.

Um agradecimento especial também aos meus amigos e colegas de faculdade, os quais tive oportunidade de dividir toda essa trajetória. Gratidão por terem me auxiliado psicologicamente e entendido todos os meus momentos de ausência. Muito obrigada a todos que de alguma forma, vivenciaram comigo os momentos de ansiedade, incertezas, estudos e reflexões, vocês foram essenciais para o sucesso desse projeto e o fim desse ciclo tão importante na minha vida!

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO.....	7
OBJETIVOS.....	8
Objetivo Geral.....	8
Objetivos Específicos.....	8
REVISÃO DE LITERATURA.....	9
Diferença entre perversão e psicopatia.....	9
O lugar do outro na neurose e na perversão.....	15
MÉTODO.....	21
Delineamento.....	21
Fontes.....	21
Instrumentos.....	22
Procedimentos.....	23
Referencial de análise.....	23
RESULTADOS.....	25
DISCUSSÃO.....	30
Categoria 1: O poder de persuasão do sujeito com traços perversos.....	30
Categoria 2: O triunfo do sujeito com traços perversos.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Categorias de Análise e Cenas do Artefato Cultural.....	25
---	----

RESUMO

O trabalho tem como temática de estudo abordar acerca do lugar do outro em um sujeito com traços de perversão. O objetivo é apresentar possíveis contribuições da psicanálise freudiana na compreensão do lugar do outro para o sujeito com traços perversos. Para tanto, aborda-se a diferença de conceitos como perversão e psicopatia, apresentando o lugar do outro no funcionamento psíquico neurótico e o lugar que este outro ocupa no sujeito perverso. No aporte teórico, estão sendo utilizados conceitos da psicanálise no que concerne à estrutura perversa e o lugar de um outro para o sujeito com esse funcionamento psíquico. No método, realiza-se uma pesquisa qualitativa com delineamento de cunho exploratório, descritivo e interpretativo. Nas fontes, tem-se a série brasileira “Bom dia, Verônica” do cineasta José Henrique Fonseca estreada no ano de 2020, com a envolvente história de um assassino. A partir disso, foi construída uma tabela com as cenas recortadas do artefato cultural e suas respectivas categorias. Na categoria 1, denominada “O poder de persuasão do sujeito com traços perversos”, é possível identificar que o protagonista analisado, possui a capacidade de manipular e persuadir suas vítimas para conseguir o que deseja, anulando o outro como sujeito. Na categoria 2, “O triunfo do sujeito com traços perversos”, tem-se posto que o indivíduo procura preencher uma falta exercendo seu poder e força sobre as vítimas. Assim sendo, pode-se identificar que o outro, para um sujeito com fortes traços perversos, é apenas um instrumento de satisfação para seus mais profundos e sombrios desejos, sendo percebido como invisível enquanto sujeito desejante.

Palavras-chave: psicanálise; funcionamento psíquico; perverso; outro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho reflete uma jornada acadêmica na graduação de psicologia, cujo percurso mostrou caminhos e possibilidades de se olhar o ser humano em seus aspectos mais profundos e subjetivos. Inicialmente, justifica-se esse estudo no interesse que surgiu nas disciplinas de Psicologia e Psicoterapia Psicanalítica, Psicologia em Contexto Jurídico, Psicopatologia I e II e Psicodiagnóstico I e II. Além disso, destaca-se o entusiasmo em estudar a Psicologia voltada a contextos criminais, o qual despertou uma motivação para a realização de cursos de extensão nessa área. Assim sendo, por meio das disciplinas e dos estudos realizados fora do âmbito acadêmico, tem-se o desejo em aprofundar os conhecimentos acerca do funcionamento psíquico dos sujeitos, em especial, aqueles com traços perversos e como eles se relacionam com os outros.

Para a psicanálise freudiana, existem três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão. Por meio da relação advinda do Complexo de Édipo e da atuação das figuras parentais, o indivíduo vai se constituir como sujeito desejante e de linguagem, sendo inserido em um meio. A personalidade é formada por um esboço de natureza genética, em conjunto com fatores que são construídos ao longo da vida. Sabe-se que a perversão é mantida, principalmente por meio da renegação e faz com que o sujeito ao mesmo tempo que aceita, negue a realidade, tendo uma fixação na sexualidade infantil. O perverso por sua vez, se dá o direito de viver conforme suas próprias leis, mal intencionado para com o outro (Machado, 2018).

De acordo com Zimmerman (2004), o termo perverso deve ser entendido como um desvio da normalidade que implica em questões morais, éticas, ideológicas e jurídicas. Sua conduta desafia as leis habituais, consciente de que, com seus atos, ofende seus pares e a ordem social na qual ele está inserido. Parte-se da premissa de que o sujeito perverso sempre busca no outro um *partenaire* para completar a ilusão daquilo que ele procura, tem-se também que possui baixa tolerância às frustrações e acabam envolvendo outros nessa prática de repetitividade compulsiva e ações irresponsáveis.

O trabalho tem como foco, abarcar conhecimentos acerca de sujeitos com estrutura ou fortes traços perversos e como acontece suas relações, ressaltando a importância desse tema a partir de uma revisão teórica e possíveis articulações com um artefato cultural que retrata o assunto de maneira clara e dinâmica. Assim sendo, o presente trabalho tem como problema de pesquisa: quais as contribuições da teoria psicanalítica freudiana para a compreensão do lugar do outro em um sujeito com traços perversos?

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

- Identificar possíveis contribuições da psicanálise freudiana para a compreensão do lugar do outro em um sujeito com traços perversos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever, diferenciando, conceitos de perversão e psicopatia;
- Apresentar o lugar de outro no funcionamento psíquico do sujeito neurótico;
- Caracterizar o lugar que o outro ocupa no sujeito perverso.

REVISÃO DE LITERATURA

Com o intuito de contemplar os objetivos do presente projeto de pesquisa, a revisão de literatura a seguir foi dividida em dois tópicos, a fim de explicar mais detalhadamente, as especificidades citadas. Primeiramente, será abordado os conceitos de perversão e psicopatia, após, apresenta-se, teoricamente, o lugar que o Outro ocupa principalmente na neurose e na perversão, com base num suporte freudiano, até uma leitura contemporânea, incluindo estudos pós-freudianos, com autores e artigos científicos atuais.

Perversão e psicopatia

A importância dessa diferenciação refere-se, principalmente, a uma certa indiscriminação entre os conceitos, sendo que nesse estudo o objetivo é diferenciar e aprofundar a perversão enquanto estrutura clínica.

Entre os anos que separam os manuscritos de 1895 -1896 e os ensaios de 1924 e 1927 de Freud, ele estabeleceu o que hoje chama-se de estruturas clínicas - neurose, psicose e perversão. Estas, podem ser definidas como sendo as estruturas dos sujeitos e em cada uma delas, o indivíduo vai se portar de maneira diferente frente às situações da vida, uma vez que a composição do aparelho psíquico acontece a partir do desenvolvimento individual de cada ser humano. A estrutura clínica de cada um dependerá da forma de relacionamento com as figuras parentais, como a presença ou a ausência dos pais, bem como o sujeito interpreta e integra os acontecimentos que ocorrem à sua volta (Machado, 2018).

De acordo com Freud (1901-1905/2016), em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, o desenvolvimento da sexualidade está diretamente relacionado aos sintomas dessas estruturas psíquicas, sendo que a pulsão sexual normal representa a expressão convertida de pulsões que poderiam ser denominadas perversas se estes pudessem ser manifestados em fantasias e atos que não fossem desviados da consciência. Assim sendo, os sintomas se formariam devido a um desenvolvimento da sexualidade anormal, dando espaço ao pensamento de que a neurose é o negativo da perversão, sendo que nos neuróticos as tendências perversas são recalçadas e se tornam inacessíveis e na perversão, não.

Ainda na mesma obra, Freud aponta que a vida sexual infantil, nos transtornos neuróticos, desde o seu início, possui um esboço da organização desses componentes

pulsionais sexuais, sendo separados por fases. Na primeira, o erotismo oral se acha no primeiro plano; na segunda tem-se as organizações pré-genitais caracterizadas pela predominância do sadismo e do erotismo anal; e por último, na terceira fase, a vida sexual da criança é determinada com a participação das zonas genitais propriamente ditas. Seguindo suas pesquisas, Freud apresenta a ideia de que criança tem uma predisposição polimorficamente perversa, pois, sob a influência externa da sedução, a qual ela pode ser induzida, pode acabar provocando interrupções prematuras do desenvolvimento sexual infantil, visto que as barragens psíquicas sexuais ainda não foram construídas totalmente. Em outras palavras, as crianças são minimamente saudáveis para experimentar o prazer de formas variadas, em múltiplas zonas do corpo e com vários objetos. Nos sujeitos neuróticos, há uma organização da vida sexual para o coito genital, enquanto que na estrutura perversa, há uma fixação infantil no estágio pré-genital, no qual a criança põe em prática as fantasias existentes nessa fase, fazendo delas o centro de sua vida sexual.

Nas obras de Freud sobre Neurose, Psicose e Perversão, no texto “Bate-se numa criança” de 1919, tem-se o fato de que as consequências das vivências sexuais prematuras podem organizar traços perversos. A defesa do aparelho psíquico não ocorre antes dele ter-se constituído por completo, ou até mesmo, de jamais ocorrer, é como se fosse a chamada “loucura original” do sujeito. A perversão tem ligação direta com o Complexo de Édipo, pois este é o momento em que a criança cria um amor incestuoso e quando este desaparece, ela permanece sozinha com sua carga libidinal, forçando-a a direcionar essa libido a algo incomum. No caso Dora, publicado em 1905, Freud já pensava sobre essa estruturação, pois aborda que as perversões estão presentes na predisposição sexual não diferenciada da criança, na qual ela teve sua evolução sexual interrompida, assim, pondo em cena sua pulsão sexual em condutas agenciadas pela sua fantasia.

As estruturas psíquicas estão relacionadas aos registros de castração, falta simbólica, ou seja, como a criança experimenta o processo de diferenciação entre os corpos feminino e masculino. A castração é uma experiência psíquica inconsciente que a criança vivencia na infância que pode determinar sua identidade sexual na vida adulta. Nesse período, a criança sente-se angustiada por reconhecer a diferença anatômica entre os sexos e que, por conta disso, não conseguirá concretizar seus desejos sexuais. Essa experiência é renovada ao longo de toda a vida do indivíduo, fazendo com que ele

busque frequentemente, um terceiro para suprir as necessidades da função paterna. (Nasio, 1997).

Assim sendo, pode-se dizer que o sujeito perverso, recusa a castração, suas vivências sexuais prematuras fazem com que sua defesa não ocorra antes do aparelho psíquico se constituir por completo. Uma fantasia emergente na primeira infância e voltada à satisfação auto erótica, ou seja, uma função sexual desenvolvida prematuramente, seria um ponto importante para o surgimento de uma estrutura perversa (Ferraz, 2008).

Com o passar dos anos e muitos estudos sobre as estruturas psíquicas, Freud descreve traços perversos como sendo principalmente, aqueles traços sexuais da vida adulta que desviam do estado normal pelas barreiras entre homem e animal, pelo sentimento de repulsa e a barreira formada pelo incesto, homossexualidade e principalmente pela transferência do papel genital para outras partes e órgãos do corpo. Sendo assim, Freud destaca dois grandes grupos de perversos: os homossexuais, os quais ele chamou de “anormais” pelo fato de desviarem os órgãos sexuais de suas funções naturais, aqueles que não riscaram a diferença sexual, aqueles que não renunciaram aos órgãos genitais como objeto de satisfação sexual em seus parceiros e levaram isso a uma parte diferente do corpo; e aqueles cujo objetivo se limita aos atos preliminares ou preparatórios do ato de amor, como os *voyeuristas*, os exibicionistas, os sádicos e os masoquistas (Valas, 1990).

A perversão é entendida como sendo um desvio sexual em relação a uma norma social e conseqüentemente jurídica, podendo ser definida como uma experiência de uma paixão, na qual o desejo suporta o ideal de um objeto inanimado, “ela coloca em ação o primado do falo, realizando uma fixação ao gozo em um objeto imaginário em lugar da função simbólica que organiza o desejo por intermédio da castração e da falta” (Chemama, 1995, p. 162). Ela afasta o sujeito da norma moral ou da natureza e depende muito do vínculo social deste, principalmente no que diz respeito às suas experiências na infância, quando o encontro com as questões sexuais se torna traumático.

Por meio do Complexo de Édipo, a criança se questiona sobre quem ela é e sobre as diferenças anatômicas entre ela e a mãe. O falo por sua vez, é um objeto imaginário que circula entre eles e o órgão genital masculino, o qual nessa fase fálica do desenvolvimento, assume um papel indispensável. O pai intervém nessa ligação entre a criança e a mãe, mostrando que o sexo feminino não possui pênis, fazendo com que assim, esse pequeno sujeito constitua imaginariamente sua realidade psíquica,

pressupondo que ali onde não tem o órgão masculino, falta alguma coisa. Diante dessa diferença, o falo então é denominado como um objeto que falta (Costa & Bonfim, 2014).

Chemama (1995), ainda sugere que por causa dessa castração simbólica, o perverso estabelece uma relação de substituição com o significante do falo, que só pode ser acessado pelo outro que, conseqüentemente, vai dar significado ao seu gozo. É por meio da submissão desse outro que o sujeito perverso revoga seu desejo e tende a fixar isso, ao objeto, identificando-se com ele, a essa parte proibida e inconsciente do outro.

Assim sendo, esse processo foi denominado de Fetichismo por Freud (1927), no qual discorre que a presença de um objeto simbólico substitui a negação da castração, ou seja, um substituto do pênis, o que faz dar espaço à ilusão na vida psíquica, em que o sujeito perverso necessita fantasiar um cenário para a sua satisfação sexual. Essa fantasia é como uma substituição para o pênis que foi perdido na primeira infância; outro objeto toma lugar e torna-se tão significante ao ponto de que esse herda todo o interesse que até então, era voltado ao órgão sexual do pai. O perverso tem noção dessa castração, mas é amedrontado por ela e por isso faz o uso do mecanismo de defesa chamado renegação, a fim de buscar o desligamento da realidade e o reconhecimento dessa ausência de pênis na mulher, constituindo assim, o fetiche. (Tomaselli, 2010).

Segundo Bergeret (1998), o perverso necessita de uma filiação, ele precisa aceitar que vem de algum lugar, por isso ele utiliza-se de um objeto. O princípio de prazer busca o gozo, a fim de conseguir um triunfo, uma satisfação imediata para evitar o sofrimento, pois ele é incompleto. O perverso usa o fetiche para velar a castração, como uma forma de esconder a expressão das diferenças anatômicas do homem e da mulher. Também se utiliza da renegação em situações em que o ego se defronta com a necessidade de defesa, caracterizando uma dupla operação desse mecanismo, o reconhecimento e a recusa.

Renegação vem do termo alemão “*Verleugnung*”, e foi traduzida para o português como “negação”, “recusa”, “desmentido”. Expressão esta que é utilizada para associar o tema da perversão e da clivagem do eu. Trata-se de um mecanismo específico no qual está em cheque o desmentido da castração, que ocorre geralmente na infância quando há a triste percepção da criança sob a ausência de pênis na menina, em outras palavras, quando acontece o impactante momento da verdade da castração. Em 1927, Freud em seu texto sobre fetichismo, menciona duas características dessa escolha objetal dominada por um fetiche, a primeira é de que o fetiche geralmente não suscita sofrimento, sendo que antes era visto como um meio apropriado para a realização da

vida amorosa do indivíduo; segundo, ele cita que a escolha do fetiche acontece por meio das histórias individuais de cada um (Drawin & Moreira, 2018).

Freud, após estudar todos os seus casos de fetichismo, caracteriza por fim, que “o fetiche é um substituto do pênis”, algo muito especial e com muito significado na primeira infância que foi perdido. Isso tudo nada mais é do que o “falo da mulher (da mãe) do qual o fetiche é o substituto.” (Freud, 1927/1999, p. 312). Todo esse estudo mostra que o fetiche não diz mais respeito a um substituto do pênis, mas do falo, assim sendo, num primeiro momento pode-se dizer que a angústia sentida pela criança sobre o que falta no outro, é um reconhecimento do que falta em si mesmo. Segundo Freud, o fetiche acontece devido à realidade de uma falta e diante o horror da castração, erguendo assim, um monumento para ele: “não é certo que a criança após a observação da mulher tenha salvado inalterada a crença no falo da mulher. Ele conservou-a, mas também a abandonou”. (Freud, 1927/1999, p. 313).

Segundo Zimmerman (2004), as raízes de um indivíduo com essa estruturação, moram nas fixações narcisistas, por isso ele está sempre à procura de algo para preencher uma falta, ele necessita de um *partenaire* que complemente a ilusão daquilo que ele procura, usando esse outro como um objeto. O perverso possui uma dissociação de personalidade, ele está sujeito a duas forças opostas autênticas: uma parte sua mantém um policiamento à pulsão perversa e outra que a sabotava, devido à formação de culpas que o impelem a ser flagrado e punido, cometendo assim, em algum momento da sua vida, uma “besteira”, que faz perpetuar sua perversão. Por conta disso, no que diz respeito à prática analítica, é incomum que os perversos procurem um tratamento.

À luz da psicanálise, a psicopatia anda lado a lado com a perversão, visto que ambas se constituem como formas do sujeito enfrentar o processo de castração ocorrido na infância. O sujeito psicopata tem seu funcionamento caracterizado como sendo um lado obscuro da perversão. A diferença mais comum está na consciência dos seus atos, sendo que na psicopatia, o sujeito tem consciência que está quebrando as regras, já o perverso não entende que seu comportamento está infringindo as leis, pois acredita no que vê, recusa a realidade (Bergeret, 1998).

Segundo Serafim, Saffi, Rigonatti, Casoy e Barros (2009), indivíduos que tiveram experiências traumáticas e sofreram algum tipo de violência ou abuso sexual na infância, tem grandes chances de terem perturbações psicológicas e comportamentais na vida adulta, podendo ser identificadas principalmente uma forte associação entre abuso

sexual de crianças e os distúrbios psiquiátricos como transtorno da personalidade antissocial ou psicopatia, transtorno de estresse pós-traumático e transtornos psicóticos.

De acordo com Hauck Filho, Teixeira e Dias (2009), o psiquiatra Hervey Cleckley descreveu características que definem um perfil psicopata:

Charme superficial, boa inteligência, ausência de delírios e de outros sinais de pensamento irracional, ausência de nervosismo e de manifestações psiconeuróticas, falta de confiabilidade, deslealdade ou falta de sinceridade, falta de remorso ou pudor e tentativas de suicídio. Comportamento antissocial inadequadamente motivado, capacidades de *insight*, julgamento fraco, incapacidade de aprender com a experiência, egocentrismo patológico, incapacidade de sentir amor ou afeição, vida sexual impessoal ou pobremente integrada e incapacidade de seguir algum plano de vida também fazem parte dessas características. E ainda: escassez de relações afetivas importantes, comportamento inconveniente ou extravagante após a ingestão de bebidas alcoólicas, ou mesmo sem o uso destas, e insensibilidade geral a relacionamentos. (p. 338)

Além disso, o mesmo autor cita que um psicopata é um sujeito híbrido, pois pode agir normalmente ao longo da vida, encobrendo um lado emocionalmente empobrecido e profundamente perturbado. Caracterizam-se como sendo pessoas charmosas, autocentradas, bem-sucedidas em suas relações interpessoais e frias. Por conta disso, os psicopatas são associados a crimes violentos e bárbaros, como os assassinatos em série, por exemplo.

Para falar de um assassino em série, tem-se posto que é um comportamento homicida dos indivíduos que praticam um assassinato e depois outro, e depois outro, de maneira repetitiva. Esses indivíduos criminosos, cometem três ou mais homicídios sequenciais, separados por um intervalo de tempo. Do ponto de vista criminológico, “eles elegem cuidadosamente suas vítimas, selecionando a maioria das vezes, pessoas do mesmo tipo e características” (Marta & Mazzoni, 2010, p. 306). Na maioria dos casos, adotam uma forma de ritual para consumir o ato e atraem suas vítimas, seduzindo-as para locais onde elas não tenham recursos de resistência, fazendo com que a morte dessa, simbolize uma sensação de alívio e liberação de tensão para ele, como cita Morana, Stone e Abdalla-Filho (2006).

Ademais, os autores consideram que estes são indivíduos com grande capacidade cognitiva e egocêntricos, que dominam e manipulam a vítima antes de matá-las de maneira intimamente simbólica, sentindo grande prazer sexual durante este processo. Em grande parte dos casos, os sujeitos que cometem esses assassinatos em série, possuem limitações sentimentais e matam em decorrência de seus impulsos sexuais, tendo consciência da reprovação social e legal que existe sob os seus impulsos desviantes, que frequentemente envolvem tortura, domínio e mutilação.

Acerca disso, Calheiros (2013) ressalta que nem todo perverso e nem todo psicopata se torna um criminoso ou passa a atos violentos que infringem a lei. O primeiro, se organiza psiquicamente de forma a buscar o prazer auto-erótico de maneira arcaica e regressiva, devido à angústia da castração; e o segundo por sua vez, apresenta uma fragilidade psíquica que advém da incapacidade de simbolização da relação mãe-bebê, o que faz emergir uma intolerância à frustração e uma angústia pela perda do objeto.

O lugar do outro na neurose e na perversão

Sigmund Freud, o pai da psicanálise, trouxe o conceito de inconsciente a partir de uma síntese dos ensinamentos de Charcot, Hippolyte e Breuer, por meio da interpretação dos sonhos. Com isso, aponta que o ser humano é único e subjetivo, passando então, a investigar os aspectos pulsionais e as forças obscuras que movem o homem. A partir disso, Freud consegue romper um saber existente na época, pois com a psicanálise, tem-se um indivíduo que desconhece ou tem pouco controle da sua própria razão e consciência, sendo essa última, apenas uma superfície do inconsciente; não um lugar de verdade, mas sim do ocultamento, da distorção e da ilusão. A psicanálise propõe-se a falar do homem como um ser singular, por meio da escuta desse sujeito, da sua verdade e da sua experiência subjetiva (Baratto, 2009).

Segundo o mesmo autor, o inconsciente freudiano é um sistema com leis próprias de funcionamento, não há negação, as representações não se anulam, mesmo sendo contraditórias, o que acontece, é um maior ou menor investimento em uma ou outra representação, sendo estas, não afetadas pela ordem do tempo da consciência. Essas representações são associadas umas às outras de acordo com as leis de deslocamento e condensação, que são mecanismos fundamentais no trabalho de deformação do desejo, com o intuito de torná-lo irreconhecível para o sujeito. No primeiro mecanismo, a energia passa de uma representação para outra, potencializando-

a, e no segundo, a representação pode receber investimentos de várias outras representações.

De acordo com Fróes e Viana (2016), uma experiência traumática (dor, susto, vergonha) que foi impedida de ser elaborada, pode fazer surgir uma representação que ficará impossibilitada de se inserir no conteúdo da consciência, despertando assim, conflitos psíquicos no indivíduo. A lembrança do evento traumático permanece registrada no aparelho psíquico, tendo um caráter fantasmático que dá origem aos sintomas que corresponde à noção de inscrição da pulsão no psíquico, ou seja, à noção de vazio situado no inconsciente, que por sua vez, opera como causa do desejo e da falta que o sujeito é submetido (Baratto, 2009).

Freud, através dos seus estudos, apontou que o objeto perdido, interesse constante da psicanálise, é irrecuperável, porém sempre relançado pelo desejo, que tenta nesse momento, recuperá-lo ou reencontrá-lo. Considera que isso faz parte da constituição do sujeito, essa falta, perda, vazio é o que dá espaço à constituição do desejo que será elaborado por ele mais tarde. No sujeito neurótico, esse objeto causa desamparo, angústia, e esse sentimento de tentar contê-la ou dominá-la é o que dá vida aos sintomas (fóbicos, conversivos e obsessivos) no aparelho psíquico. Por conta disso, a angústia é o afeto que não engana, é aquela que sinaliza a aproximação de alguma verdade insuportável para o sujeito (Castro, 2015).

O mesmo autor enfatiza a questão de que na neurose, essa falta do objeto, de significação do outro, é aceita e transferida para algo que faça sentido para ele, como um afeto, um sentimento, algo socialmente aceito, mas que foi marcado pela história de perdas, um tempo de dor na vida do sujeito. Esse objeto perdido, esse outro ausente, é revivido no presente em forma de algo aceito pelo senso comum, retornando como modo de relançamento e elevação a uma criação atual e socialmente admissível, fazendo com que "a dor vivida pelo sujeito neurótico durante a experiência de saudade é ainda a forma de tornar presente o objeto perdido desde/para sempre" (p. 50). No neurótico, o indivíduo é privado da presença desse objeto faltoso e por isso busca não mais investir sua libido nessa perda, preservando em si mesmo um traço desse objeto perdido, mas relançando-a em novos objetos de amor (sublimação).

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), sublimação é um mecanismo que transforma algum desejo inconsciente em ações que são bem vistas pela sociedade; são meios que o inconsciente utiliza para amenizar a dor, a angústia, as frustrações e conflitos internos do sujeito. É um fenômeno da criação intelectual, uma energia que foi

deslocada para atividades não sexuais, tornando-se assim, dependente da dimensão narcísica do Eu. Freud conceituou esse termo em 1905 em sua obra *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, descrevendo que a sublimação, é um mecanismo e uma atividade do sujeito “que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que está se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados.” (p. 734)

O mal-estar, as afecções psíquicas e os sintomas são traduções do gozo e se diferenciam de acordo com a resposta dada pelo sujeito à sua libido. Gozo é aquilo que escapa à significação, não se deixa ser transformado em representações ideativas, é o que continua fluindo no psiquismo do sujeito como energia livre. O neurótico utiliza-se de significantes para deter tal gozo avassalador, retirando de cena algo traumático, e para o perverso, faltou elementos significantes que funcionassem como recalco e que dessem oportunidade de uma forma clara e aceita de gozo (Braunstein, 2007).

“O falo que indica uma ausência, localiza uma falta no gozo, permitindo que a mesma possa ser nomeada, e por isso, organiza e comanda o desejo” (Braunstein, 2007, p. 146). O autor ainda aborda que este gozo é escondido na neurose, e é expressado no sofrimento, na queixa e no sintoma, aparecendo quando o Eu silencia; ele assinala sua falta em relação ao gozo, que reconhece e atribui ao outro, com o intuito de se fazer amar, tornar-se desejável. O neurótico busca um saber que lhe permita recuperar o gozo perdido pela castração, queixando-se do outro que goza, imaginando que ele faz o que o sujeito neurótico se priva de fazer. É aí, que a perversão se liga diretamente com a neurose, pois o perverso toma uma atitude, ele vive para o gozo, ostentando o seu domínio sobre o outro.

Freud (1901-1905/2016) pontuou que todos os sujeitos neuróticos possuem inclinações perversas fortemente acentuadas no início do processo de desenvolvimento psicosexual, mas que são recalco e tornam-se inconscientes no decorrer no desenvolvimento do ser humano, por isso, suas fantasias inconscientes mostram um conteúdo semelhante às ações dos sujeitos perversos. Contudo, na neurose, o indivíduo se questiona a respeito do seu desejo, ele mede a todo instante sua hora de agir, pois ele é um sujeito de falta, desejante. Já o perverso, não sofre com as apreensões, inibições, recriminações e frustrações que angustiam o sujeito neurótico, pois ele age em busca de uma resposta ao desejo, ele sabe o que ele quer e não se interroga. (Coutinho *et al.*, 2004).

O perverso, como nega a castração, tem a falta como causa do desejo, ele imagina uma mãe fálica na tentativa de neutralizar a diferenciação entre os sexos. Isso ocorre de tal maneira que o perverso se torna incapaz de assumir uma posição faltante como simbolizável e por isso, somente o seu próprio desejo importa e não o desejo do outro. O gozo para ele, é como um dever, uma imposição, ele busca pelo gozo através de todos os meios possíveis, não se importando com as normas impostas e os limites; seu desejo não passa pela lei do desejo do outro. (Santos & Besset, 2013)

De acordo com Valas (2001), “o perverso cujo prazer (e não o gozo) consiste em forçar o outro a gozar, isto é, em fazê-lo sofrer” (p. 34). O sujeito perverso busca capturar o gozo do outro, mas fracassa, porque o gozo do outro é impossível; ele busca a subjetivação do gozo para poder dominá-lo, para provocar angústia em outrem, ele desmente o gozo para transformá-lo em prazer.

Por conta disso, tem-se posto que na neurose, há uma tradução do próprio saber do inconsciente, ocorreu uma defesa (recalque) que negativou a perversão. Entretanto, o indivíduo perverso não acredita que o saber está no outro, ele é quem sabe sobre o gozo do outro, ele é o mestre e dono deste saber; a vista disso, pode-se dizer que o perverso não quer lidar com o outro, já que o outro é barrado pela falta dessa simbolização (Martinho, 2011).

Segundo Mello Neto e Schmitt (2011), o neurótico acredita que não é capaz de realizar seus desejos por serem proibidos e, assim, goza com formações sintomáticas substitutivas; sua satisfação é a submissão a um outro para não ficar sozinho, ele perde sua singularidade para perseguir o gozo do outro. Já o perverso, busca controle sobre o gozo do outro, colocando-o como instrumento, agindo sob ele com todo saber e sedução.

Diante disso, a perversão é referida como uma conduta patológica com uma vasta série de desvios em relação àquilo que é esperado e considerado aceitável; diretamente relacionada com aspectos fenomenológicos e usada como sinônimo de maldade e frieza. Assim sendo, essa estrutura não diz respeito a um desvio de caráter e sim, ao modo como o indivíduo estabelece laços com o outro e principalmente como ele lida e o que faz com a falta desse outro. O sujeito perverso utiliza-se de uma estratégia para isso, a fim de tentar reconduzir o desejo do outro e anular a via desejante do outro, para que ele não encontre a falta, preenchendo-se somente com o que ele lhe oferece (Formigoni, 2016).

A mesma autora descreve que o sujeito perverso não está disposto a ser um sujeito dividido, mas sim, o próprio objeto causador de gozo do outro, instrumento que

desmente a falta de objeto. Ele utiliza-se da estratégia de tentar reconduzir o gozo para que o indivíduo não encontre a falta, não acesse a via desejante, a fim de tentar evitar o encontro com a falta e direcioná-la à causa de desejo em gozo. Para declarar a perversão ou traços da mesma, é imprescindível que se observe qual estratégia de gozo que esse sujeito vai utilizar para com o outro.

Sabendo que a sexualidade humana é produto da relação do sujeito com o outro, e esta advém desde a infância, a perversão pode ser caracterizada por uma relação do sujeito com as proibições provenientes do Supereu que deveriam orientar a renúncia da pulsão, mas ao invés disso, se limitam ao gozo de uma só maneira, não reconhecendo que falta alguma coisa no outro, por mais que, no fundo, o sujeito perverso saiba exatamente que falta alguma coisa ao outro (Alberti, 2005).

De acordo com Baségio e Rosa (2017), na perversão, há uma resposta sobre o desejo, sendo que este aparece como vontade de gozo e o ato é vivenciado como vitorioso triunfo, sem qualquer sentimento de culpa. O sujeito perverso sabe o que quer e é isso que o faz arrogante, visto que ele já tem total certeza de saber a verdade sobre o gozo; consagrando-se em preencher o vazio que há no outro. Em outras palavras, o perverso faz desse, sua vítima para cultivar sua castração e desmentir a castração do outro.

Cotidianamente, o perverso se fortalece na desvalorização do outro e por isso faz o uso da teatralização, não deixando transparecer a falta, protegendo-se da angústia da castração e assim, procurando parceiros que ocupem o lugar dessa falta, desse fracasso. Diante dessa falta de limites e da busca pelo excesso de satisfação que esses indivíduos procuram, podem acabar se tornando violentos e delinquentes, com comportamentos inadequados (Pfitscher & Braga, 2012).

Acerca disso, tem-se que a perversão é um desvio do objeto e do alvo sexual esperado para uma descarga da tensão sexual e extinção temporária da pulsão, transformando-a em ações perante situações favoráveis que, muitas vezes, são de cunho sexual primitivo. Aqui, cabe ressaltar que o simples tocar, olhar e exhibir, não são suficientes para constituir uma perversão e sim, quando esses atos passam a substituir o objetivo sexual final, quando o outro se torna objeto de satisfação. É necessário que apareça como uma fixação na sexualidade infantil, podendo, então, ser caracterizada como entidade nosológica (Mendonça *et al.*, 2021).

De acordo com os mesmos autores, a perversão acontece devido à impossibilidade da corrente genital da sexualidade se impor diante às outras, em função

de uma fixação decorrente da infância, ou seja, o perverso ainda mantém fortes vínculos com a sexualidade perverso-polimorfa e por isso, a perversão é vista como sinônimo de imoralidade, maldade e promiscuidade. Devido ao desvio do objeto e do alvo sexual normal, sujeitos com essa estrutura transformam suas fantasias em ações, quando há situações favoráveis para tal.

Dessa forma, é de extrema importância que se busque a contextualização e se observe de que maneira o sujeito coloca em prática essas fantasias, tendo em vista que as questões culturais, sociais, religiosas e históricas são necessárias para a nomeação de um padrão, moral, sexual ou comportamental. Segue-se apresentando o método do presente estudo.

MÉTODO

Delineamento

O presente trabalho se trata de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de cunho exploratório, descritivo e interpretativo, a fim de buscar um maior entendimento sobre o problema de pesquisa.

Uma pesquisa qualitativa busca entender os significados que um acontecimento tem para pessoas comuns, em situações particulares, dando a devida importância à cultura e à subjetividade para o entendimento do todo. O pesquisador vai a campo e se utiliza de palavras, imagens e áudios para capturar o fenômeno a partir da percepção das pessoas que estão envolvidas no processo. Por conta disso, esse tipo de pesquisa requer técnicas de coleta e análise de dados específicos que procuram compreender os componentes de um sistema (Jardim & Pereira, 2009).

Segundo Gil (2002), uma pesquisa exploratória busca promover familiaridade com o problema, ampliando as ideias ou as descobertas de intuições, considerando diversos aspectos que dizem respeito ao fato estudado. O autor cita que, na maioria dos casos que envolvem um delineamento exploratório, há um levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas de acordo com o problema de pesquisa e por fim, análise de exemplos que auxiliem na compreensão. O mesmo autor ainda explica que as pesquisas descritivas, por sua vez, têm como objetivo a descrição de características de certos fenômenos, grupo de pessoas ou ainda, estabelecer relações entre variáveis e sua natureza.

De acordo com Cassiani, Caliri e Pelá (1996), a pesquisa interpretativa busca reconhecer os processos interpretativos e cognitivos ligados à vida social e parte do interacionismo simbólico e os estudos culturais. Apresenta-se principalmente fundamentada em dados e na etnografia, assim como tem o foco no indivíduo e no contexto.

Fontes

Como fonte de pesquisa para o seguinte trabalho, foi utilizado o artefato cultural “Bom dia, Verônica”, uma série brasileira que estreou na Netflix em 1º de outubro de 2020, dirigida pelo cineasta José Henrique Fonseca sob o roteiro da criminóloga Ilana Casoy e o escritor e roteirista Raphael Montes.

A série é baseada no livro de Ilana e Raphael e conta a história de Verônica, uma escrivã da polícia civil que trabalha em uma delegacia de homicídios na cidade de São Paulo. Verônica é encarregada de fazer a parte burocrática da delegacia, o que torna sua rotina entediante. Contudo, o cenário muda quando ela presencia o suicídio de uma jovem mulher que foi vítima de um criminoso sexual, no seu local de trabalho. A partir desse caso, ela aparece nas mídias oferecendo ajuda às mulheres que sofrem algum tipo de violência, disponibilizando-se para ajudá-las. Na mesma semana, recebe uma ligação anônima de uma mulher pedindo ajuda e, a partir disso, Verônica fica completamente envolvida com esta mulher, na tentativa de auxiliá-la a sair de um casamento em que o marido é um criminoso, com comportamento sistemático de matar mulheres.

Em todos os episódios da série, pode-se identificar alguns traços perversos desse sujeito, que se trata de um policial de alta patente, Cláudio Brandão. Ele encontra-se protegido por uma rede corrupta dentro da polícia e usa sua mulher, Janete, para atrair suas vítimas; mulheres que chegavam sozinhas na rodoviária de São Paulo e estavam em busca de emprego. Ao longo dessa primeira temporada, Verônica descobre informações sobre seu passado, envolvendo seu pai, que também trabalhava na polícia; seu padrinho, o então delegado do departamento de homicídios da delegacia. No decorrer dos episódios e com muitas informações vindo à tona, Verônica consegue ligar fatos sobre vários casos de assassinatos que foram arquivados, e ao mesmo tempo, torna-se aliada de Janete, fazendo de tudo para que ela consiga sair da relação abusiva e tortuosa que vive com o assassino policial Brandão.

Sendo assim, por meio deste artefato cultural que envolve um sujeito com fortes traços de perversão, assassinatos de mulheres, corrupção policial, misoginia e violência, realizou-se algumas considerações o funcionamento do criminoso, no que tange a traços perversos de sua estrutura e como ele se utiliza do outro.

Instrumentos

Foi utilizado neste trabalho como uma forma de organização das informações recortadas da série, o uso de tabelas. Essas, são representações ilustrativas que servem para ajudar a organizar e possibilitar uma melhor interpretação do trabalho desenvolvido, de maneira mais objetiva e clara para os leitores. Elas apresentam de forma não discursiva, informações dispostas em uma ordem determinada de acordo com as variáveis analisadas de um fenômeno, pelo dirigente do trabalho (Universidade Federal de Minas Gerais, 2020).

Procedimentos

Para a construção do presente trabalho, dentre os procedimentos utilizados, pode-se citar a escolha do tema do projeto até a escolha do material. Para a construção da revisão de literatura, foram selecionados clássicos da teoria psicanalítica freudiana e autores que trabalharam com suas ideias como Nasio, Vallas, Bergeret, Roudinesco, Chemama, entre outros, com o intuito de definir conceitos fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Também buscou-se artigos científicos que trouxessem como assunto principal as temáticas que fazem parte do tema de pesquisa, como por exemplo, neurose, perversão e o outro no psiquismo de cada estrutura apresentada pela psicanálise.

Desde as primeiras ideias sobre o assunto deste trabalho, a série “Bom dia, Verônica” parecia ser adequada para trabalhar a temática proposta, pois abrange em todos os seus capítulos, comportamentos de um assassino com traços perversos e o que ele é capaz de fazer com suas vítimas para alcançar o que almeja. Assim sendo, o artefato cultural foi assistido diversas vezes para que os recortes de cenas fossem feitos e posteriormente, possíveis considerações destas com uma ponte entre teoria e prática; entre o que o protagonista da série com traços de perversão pode representar segundo a teoria psicanalítica proposta por Freud.

A partir disso, trechos da série foram agrupadas em categorias, para que, por meio desses recortes, fossem feitas possíveis considerações e hipóteses, entre tantas, carregadas de informações, significados e exemplos, que podem proporcionar ao leitor, uma melhor compreensão dos conceitos aqui estudados.

Referencial de análise

Laville e Dionne (1999) apontam que a análise de conteúdo é definida na demonstração da estrutura e dos elementos de um conteúdo, e está ali presente para esclarecer diferentes características e extrair a significação deste. É uma reconstrução simultânea com as noções do pesquisador sobre o fenômeno, deixando-se guiar pelas especificidades do material selecionado para ser trabalhado. Essa análise é principalmente aplicada nas informações que se apresentam como discurso, que abarcam textos extraídos de vários tipos de documentos, sendo estes, respostas adquiridas em perguntas abertas.

Como etapas desse processo de análise de conteúdo, os autores apresentam a etapa de recorte dos conteúdos, a definição das categorias analíticas e a categorização

final das unidades de análise. Na primeira, há uma decomposição para posteriormente, haver uma recomposição para melhor expressar a significação do conteúdo; a segunda etapa consiste em organizar em categorias os conteúdos de acordo com o parentesco entre eles, esse processo pode se dar pelo modelo aberto (as categorias não são fixas no início, mas tomam forma no curso da análise), modelo fechado (o pesquisador supõe as categorias por um ponto de vista teórico que propõe o mais frequentemente à prova da realidade) e o modelo misto; a terceira e última etapa se refere a uma reconsideração, momento em que será analisado qual categoria convém melhor a cada conteúdo recortado.

No presente trabalho, o agrupamento dos recortes em categorias foi feito seguindo o modelo aberto. Ainda, foi utilizado, para compor a discussão, a estratégia de emparelhamento, a qual consiste em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a intenção de compará-los, ou seja, os conteúdos tratados no referencial teórico fizeram uma ponte com o artefato cultural escolhido (Laville & Dionne, 1999).

RESULTADOS

Após assistir várias vezes a série “Bom dia, Verônica” do cineasta José Henrique Fonseca, foi possível descrever e alinhar categorias com o intuito de atingir os objetivos estabelecidos neste projeto. Assim, dando continuidade a esta etapa, segue-se com a apresentação das cenas recortadas, descritas em uma tabela, com a finalidade de exemplificar os conteúdos que abrangem traços perversos do protagonista da série, bem como, relacionar com as formas que ele se relaciona com outros sujeitos. A seguir, os recortes das referidas cenas.

Tabela 1: Categorias de Análise e Cenas do Artefato Cultural

Categorias	Cenas
1. O poder de persuasão do perverso	<p data-bbox="900 1099 1441 1626">A. Janete acorda em seu quarto com o corpo e o rosto machucados, sem conseguir se mover após levar uma surra de Brandão. Tudo isso por ela ter aberto a caixa que estava em sua cabeça, ter explorado o local onde ele realiza os crimes e espiado seu ritual com a avó. Brandão cuida de seus ferimentos delicadamente, beija seu rosto e diz que isso não vai mais acontecer. (ep.5 - 3:35s)</p> <p data-bbox="900 1704 1441 1957">B. Janete aparece deitada em sua cama cheia de hematomas nos braços e rosto, ainda visíveis da surra que levou de Brandão por ter ultrapassado os limites impostos por ele na hora do crime. Com</p>

um presente na mão, ele diz para ela: “hoje vou te mimar”. (ep.5 - 19:00s)

C. Janete engravida de Cláudio pela terceira vez e diz que não quer mais ser cúmplice dele. Ela diz que precisa dar esse filho pra ele, que precisa cuidar dessa criança e esse deveria ser um motivo para eles pararem com os crimes. Após uma discussão, ela acorda na cama com o marido fazendo carinho em sua barriga, dizendo que vai ser um bom pai e vai fazer de tudo pela criança, ele deita-se carinhosamente sobre ela. (ep.7 - 8:10s)

D. Ainda na tentativa de ajudar Janete, Verônica vai atrás dela para tentar convencê-la de que Brandão é um assassino. Na rua, a escritã diz que precisa conversar com Janete e ela tenta se esquivar dizendo que não precisa mais de sua ajuda, Verônica insiste e diz que Brandão é o culpado por ela ter perdido todos os bebês, “a cada abuso, a cada pressão, a cada violência”. Janete diz que a culpa é dela, que o corpo dela é fraco e que se ele não mudar, ele vai saber que ela mudou pois não vai mais perder nenhum filho. (ep.7 - 13:54s)

E. Durante um jantar, Brandão manda Janete se arrumar para irem até a rodoviária. Ao contrariá-lo e dizer que já

está tarde, ele argumenta dizendo que o último ônibus chega às 21:30 horas. Ela mais uma vez tenta dizer que não precisam disso para ser feliz, que ela está com medo de perder o bebê, mas Brandão ignora e diz que ela precisa ser forte (ep.7 - 35:20)

2. O triunfo do perverso

F. Brandão dirige até o sítio onde comete seus crimes com Janete vendada e sua vítima, uma menina que apartou na rodoviária, presa no porta-malas do carro. Chegando lá, ele conduz Janete até o porão do local e pede para que ela coloque a caixa na cabeça, enquanto isso, ele tortura a vítima colocando ganchos em suas costas para após, deixá-la suspensa. (ep. 2 - 3:00)

G. Ainda com Janete vendada e a vítima pendurada pelos ganchos nas costas e sem roupa, Brandão coloca sua cabeça entre as pernas dela e abusa dela sexualmente. (ep.2 - 3:55)

H. Ao voltarem para casa depois de se divertirem e beberem juntos, Brandão escuta um celular tocando dentro do armário da cozinha. Quando descobre que Janete escondeu o aparelho, ele quebra o celular com um martelo e exige que Janete engula o chip, pedindo para que ela abra a boca para certificar-se disso. (ep.2 - 35:40s)

I. Brandão oferece carona até a rodoviária para a irmã de Janete. Quando chega em casa, descobre que a esposa também tinha uma passagem para ir embora. Assustada, Janete diz que não iria para lugar e mesmo assim, muito alterado, o policial pega uma tesoura na gaveta da cozinha e corta o cabelo de Janete à força, enquanto ela chora em silêncio agarrada no corrimão da escada. (ep. 3 - 43:40s)

J. Janete ajuda mais uma das vítimas de Brandão. Dessa vez, ela consegue libertar a garota dos ganchos, porém, o criminoso acaba encontrando-as próximas dali e acaba por matar a menina com um tiro. No dia seguinte, Janete acorda com sua casa cheia de cadeados nas portas e janelas, entendendo isso como uma forma de punição por ela ter descumprido às ordens do marido. (ep. 6 - 9:18s)

K. Cláudio está em mais um ritual de purificação com a sua vó, quando ela começa a passar mal e morre em seus braços. Revoltado, ele volta onde tinha deixado outra vítima presa aos ganchos e flagra Janete ajudando-a escapar. Tendo em mente que foi ela quem envenenou sua avó, ele bate na esposa e prende ela numa cadeira com a caixa na cabeça. O criminoso derruba gasolina em todo corpo de Janete, ateando fogo na mulher ainda

viva. Paralisado em pé na frente dela, ele assiste toda a cena. (ep.7 - 45:20s)

DISCUSSÃO

A discussão foi realizada por meio de um entrelaçamento entre a revisão de literatura proposta e alguns recortes da série brasileira “Bom dia, Verônica”, a qual foi utilizada como artefato cultural. O intuito é ilustrar o funcionamento psíquico de um sujeito com possíveis traços perversos, uma vez que não se tem o objetivo de estabelecer um diagnóstico estrutural do protagonista, apenas sinalizar fortes traços para compreender melhor alguns comportamentos. Aqui, vale ressaltar que este estudo mostra apenas uma das visões possíveis a respeito dessa temática, podendo haver outras formas de entendimento e outras possibilidades de ilustração através de filmes. Visando responder ao problema de pesquisa, as cenas podem ser identificadas como ilustrativas para os aspectos relacionados a este estudo, ou seja, um sujeito com traços perversos fortes e o lugar do outro. Sendo assim, as categorias foram divididas em duas e denominadas como: “O poder de persuasão do sujeito com traços perversos” e “O triunfo do sujeito com traços perversos”, tendo como base o aporte teórico psicanalítico abordado na revisão de literatura.

CATEGORIA 1: O poder de persuasão do sujeito com traços perversos

Nesta categoria, busca-se fazer um enlace sobre algumas cenas em que Brandão, personagem do artefato cultural, usa seu poder de persuasão para obter o que deseja de suas vítimas e alguns aspectos teóricos. Segundo Machado (2018), a estruturação clínica de cada indivíduo pode ser definida de acordo com as atitudes do sujeito e como ele compreende as situações que acontecem em sua vida.

Pensando na forma com que Brandão lida com os acontecimentos e com as pessoas à sua volta, pode-se dizer que ele apresenta fortes traços de uma estrutura perversa. De acordo com Mello Neto e Schmitt (2011), o sujeito com essa estrutura perversa busca controle sobre o outro, utilizando-o como instrumento para conseguir o que quer, agindo para com ele, com cautela e muita sedução.

É possível identificar na cena A, que Brandão utiliza-se desse controle sobre a esposa, a fim de suprir todo mal que fez à ela tanto quanto na cena B, onde ele maltrata fisicamente e humilha Janete, para depois, agir como se nada tivesse acontecido, fazendo falsas promessas, falando que vai mudar e que aquilo não vai se repetir. Isso tudo pode ser considerado como uma estratégia. Pode-se pensar que Brandão faz isso,

tentando mascarar todos os seus atos cruéis, com carícias e palavras reconfortantes, com o intuito de criar uma ilusão e de certa forma, confinar Janete naquela situação, para que ela não saia e reconheça seus próprios desejos.

A esse respeito, Formigoni (2016) considera que indivíduos com essa característica, criam laços com o outro, oferecendo-se como instrumento de gozo deste, anulando a via desejante do outro, agindo como se ele fosse tudo que o outro precisa. Ele tenta reconduzir, deslocar o desejo do outro, com a intenção de tornar-se instrumento para tal.

O mesmo pode ser percebido na cena C, em que o policial novamente tem uma discussão com a esposa e após, a trata com zelo e cuidado, fazendo carinho e falando frases bonitas sob seu ventre, lembrando que a mesma espera um filho do casal. Brandão usa todos os seus artifícios para persuadir a esposa, desde presentes até palavras reconfortantes. Características deste tipo de comportamento, de acordo com Baségio e Rosa (2017), podem ter referência a sujeitos perversos que sabem exatamente o que querem e utilizam-se das fraquezas dos outros para preencher um vazio em si mesmo, sem qualquer sentimento de culpa e/ou remorso.

Na cena D, a policial Verônica mais uma vez tenta convencer Janete de que seu marido é um assassino, um homem perigoso que maltrata as mulheres, inclusive ela. Tentando seguir sua vida e esquecer tudo que já passou, a mulher discorda de Verônica e diz que não vai se desfazer dessa união e nem denunciar o marido, porque ele é um homem bom, tudo que ele faz com ela e com as outras vítimas, é exclusivamente culpa dela, por ela sempre perder o filho que ele tanto quer. Pode-se relacionar atitudes como essas do protagonista Brandão com características de indivíduos perversos e as da Janete, como submissa. A capacidade de fazer com o que o outro se sinta culpado, invadindo seu espaço mental, desvalorizando-o e desqualificando-o, com argumentações intermináveis e implacáveis, que não deixam escolha ao outro além da submissão (Vale & Cardoso, 2020).

Durante um jantar, inicialmente tranquilo, Brandão exige que Janete se arrume para ir até a rodoviária atrair mais uma vítima. Agitada e incomodada com essa história novamente, ela diz que não quer ir e Brandão diz que ela precisa ser forte para fazer isso. Sua capacidade de persuasão é notável, pois a mulher, sem mais forças para discutir, faz o que ele pede, como está descrito na cena E. Com o intuito de realizar seus desejos e alcançar sua felicidade, o sujeito usa seu charme e sua esperteza para tal. Ele

tem uma forte aptidão para criar um contexto que pode ser conduzido por ele em todos os detalhes, para atingir seu objetivo. Ele faz a realidade se adequar ao modelo que ele quer, reintegrando a situação por meio da persuasão ou pela força (Gonzaga Júnior, 2008).

Outro ponto importante e notável nas cenas dessa categoria, é o uso de teatralização por parte de Brandão. Ele em nenhum momento, em nenhuma das cenas, deixa transparecer que lhe falta algo, que precisa preencher algum vazio em sua vida. Segundo Pfitscher e Braga (2012), o sujeito com fortes traços perversos faz uso desse tipo de manipulação para se proteger do sentimento de angústia derivado da castração e isso, muitas vezes, pode se tornar violência. Além disso, no caso de Brandão, pode-se identificar que o seu interesse não é na esposa, e sim, no que ela pode oferecer a ele, que acaba por preencher todos os seus desejos mais profundos.

Ainda, é possível perceber que Brandão tem seu lado perverso aflorado quando faz o que lhe vem à mente para conseguir o que deseja, sem critérios, sem culpa e sem barreiras. A partir dessa compreensão, pode-se fazer alusão ao que foi descrito por Freud no texto “Bate-se numa criança” (1919), quando aborda que sujeitos que tiveram a defesa do aparelho psíquico incompleta ou inexistente, podem vir a apresentar traços perversos na vida adulta, deixando sua “loucura original” transparecer em atitudes e sentimentos.

Nesse mesmo sentido, o Complexo de Édipo é um ponto importante para o desenvolvimento de uma estrutura clínica na perspectiva psicanalítica, visto que é neste momento que o sujeito precisa redirecionar sua libido. De acordo com Valas (1990), os fantasmas presentes na perversão seriam resultado do processo edípiano já resolvido, ou seja, o sujeito já conseguiu desviar sua libido para algo que faça sentido para ele. Pode-se pensar que o que acontece com Brandão, seria um redirecionamento dessa libido para o fato de glorificar-se em saber que consegue o que quer do outro através da submissão e persuasão.

Assim, pode-se considerar que o interesse do protagonista com possíveis traços perversos, é na sedução, manipulação e persuasão de suas vítimas, sendo que sua hostilidade e arrogância tem por finalidade fazer com que ele se sobressaia e se sinta superior, pelo fato de conseguir controlar e alcançar o que deseja através de atitudes, palavras e gestos que, na maioria das vezes, não condizem com sua real personalidade.

Portanto, pode-se refletir que o sujeito com fortes traços perversos usa a fantasia e o seu poder de persuasão perante o outro para suprir necessidades psíquicas dele mesmo, deixando o outro sem visibilidade, sem conseguir identificar seus próprios desejos.

Por fazer o uso da renegação, busca o desligamento da realidade, o que resulta em um sujeito narcisista que não pensa em ninguém, apenas busca uma satisfação imediata com o intuito de evitar o seu sofrimento (Tomaselli, 2010). Sujeitos com essa estrutura não conseguem reconhecer que falta alguma coisa no outro (Alberti, 2005), somente utilizam-se da fraqueza de terceiros para rebaixá-lo e torná-lo objeto de satisfação, deixando apenas que o outro desempenhe um papel que é fortemente definido e controlado por ele.

CATEGORIA 2: O triunfo do sujeito com traços perversos

Ainda, buscando explicitar melhor essa forma com que o sujeito perverso lida com o outro, pode-se pensar nos registros de castração, no qual, ao longo da vida, o sujeito busca incessantemente um terceiro para arcar com as necessidades da função do pai (Násio, 1997). Em busca desse preenchimento, o perverso se distancia da norma moral ou da natureza e procura estabelecer relações com terceiros a qualquer custo, a fim de dar significado a esse espaço, a essa energia livre, fruto das faltas relacionadas à sua infância. Isso posto, tem-se a submissão desse terceiro, e esse outro é visto então, como um objeto, sendo que o perverso anula seu próprio desejo e fixa-se a isso (Chemama, 1995).

Segundo Bergeret (1998), como uma forma de encontrar uma conexão, de identificar que vem de algum lugar, o perverso se utiliza de um objeto, buscando uma forma de triunfar sobre o outro, como forma de satisfação imediata para que não haja espaço para o sofrimento da sua incompletude. Considera-se que o protagonista da série escolhida para esse estudo possibilita uma reflexão sobre esses aspectos, tendo em vista que o policial Cláudio Brandão, parece ser um sujeito que trata suas vítimas e sua esposa Janete, com desprezo e crueldade em diversos momentos.

Na cena F e na cena G, enquanto humilha Janete, Brandão tortura e abusa de sua vítima, exercendo seu triunfo, seu poder e força sobre ela, deixando-a sem escapatória. A vítima, nas referidas cenas, é utilizada como um objeto de satisfação pessoal dele, tanto sexual como psíquica, pois ele exerce controle e domínio sobre ela nas duas

situações, apenas pensando no seu prazer. Segundo Zimmerman (2004), um sujeito perverso está sempre à procura de um parceiro, suas fixações narcísicas fazem com que ele esteja sempre à procura de algo que preencha uma falta, e, por isso, faz o uso de um outro como um objeto, que está ali somente para ocupar o espaço vazio que há na estruturação perversa.

Especificamente na cena G, momento em que Brandão utiliza-se da vulnerabilidade e das condições desumanas em que colocou a vítima para abusar sexualmente da mesma, pode-se pensar sobre um apelo muito grande ao cunho sexual e deixa ainda mais explícito a humilhação da menina em questão, tendo em visto que ele abusa dela enquanto ela está pendurada nos ganchos, com braços e pernas abertas. Segundo Freud (1901-1905/2016), a sexualidade se manifesta em fantasias e atos, e na perversão, essas ações não são recalcadas, o que pode vir a dar espaço a atos sádicos e cruéis.

Na cena H, quando Brandão ameaça e triunfa sobre Janete, exigindo que ela engula o chip do celular que encontrou escondido, ele está ciente do seu ato, ele sabe que está quebrando uma regra moral com sua parceira, e isso pode ser apresentado como uma característica muito marcante dos psicopatas. Segundo Bergeret (1998), um sujeito perverso pode facilmente apresentar traços de psicopatia, que nada mais é, do que uma forma do sujeito enfrentar o processo de castração, sendo este, um lado obscuro da perversão.

O que é ilustrado na cena I, pode ser considerado mais um exemplo de triunfo e satisfação, pois Brandão corta o cabelo de sua esposa à força, deixando-a sem saída, apenas com a reação de chorar em silêncio. Segundo Hauck Filho *et al.* (2009), insensibilidade nos poucos relacionamentos que possui, incapacidade de aprender com a experiência, ausência de delírios e nervosismo, falta de remorso e egocentrismo, além de tendência à mentira e insinceridade, podem ser características de um sujeito com esse perfil.

Os mesmos autores, ainda complementam que psicopatas são pessoas charmosas, frias e bem-sucedidas em suas relações interpessoais. Essas características são notáveis em Brandão, visto que ele ocupa um lugar de alta posição na polícia. Ele consegue tudo que quer também nesse meio de trabalho, o que fica claro na cena J, quando, após Janete tentar ajudar uma das vítimas do marido, acaba por ficar trancada em sua própria casa, com cadeados em todas as portas e janelas. Além disso, há câmeras

espalhadas na casa para vigiar a esposa, possibilitando que ele consiga controlá-la de qualquer lugar e em qualquer horário, até durante seu trabalho, como pode ser identificado na cena.

Como uma forma de dominação cruel e sádica, ao final da série, Brandão acaba por torturar e matar Janete, como está descrito na cena K. Ao colocá-la presa a uma cadeira com uma caixa na cabeça, ele derrama gasolina e atea fogo na mulher. Durante o ato, ele fica paralisado em sua frente, observando e manifestando uma expressão de satisfação, podendo-se pensar que ele estava satisfeito com o fato de estar dominando aquela situação. De acordo com Morana *et al.* (2006), alguns indivíduos criminosos procuram sempre deixar a vítima em um lugar que elas tenham poucos recursos e chances de escapatória, e consideram a morte da mesma como um símbolo de liberação de tensão e uma sensação de alívio para ele.

A partir dessa percepção, pode-se pensar no que foi abordado por Castro (2015) ao afirmar que a postura de sujeitos perversos pode ser uma maneira elaborada de constituí-lo, uma forma que ele encontra de reencontrar seu desejo, completando a falta que lhe era componente, com o domínio sobre o objeto.

Isso posto, é possível se pensar que o policial Cláudio Brandão, em vários momentos triunfava sobre o outro, não se importando se era alguém do seu meio social, como sua esposa, ou desconhecido, como suas vítimas. Seu intuito era sempre de fazer-se gozar e preencher seu vazio, utilizando-se do outro para tal. Atitudes sempre direcionadas ao gozo; uma vida baseada em ostentar o seu domínio sobre o outro são características de um sujeito perverso que não se priva de fazer o que lhe vem à mente (Braunstein, 2007).

O sujeito perverso não sofre com as inibições e recriminações, pois ele vive em busca de uma resposta para o seu desejo, ele sabe exatamente o que quer e faz de tudo para alcançá-lo, nem que isso represente colocar em risco seus relacionamentos. (Coutinho *et al.*, 2004). É possível identificar, no posicionamento de Brandão, que ele não pensa em nenhum momento nas consequências dos seus atos e nem no outro, apenas busca triunfar e exercer seu poder por meio da tortura psicológica e física sobre suas vítimas.

Incapaz de assumir uma posição faltante, fantasiando que somente seu desejo importa e não o desejo do outro; buscando através de todos os meios possíveis, não se importando com as normas e os limites; não deixando seu desejo passar pela lei de

desejo do outro, o perverso tem a falta como princípio (Santos & Besset, 2013). Assim, pode-se pensar que Brandão em todas as cenas selecionadas ilustra alguns aspectos abordados pelos autores, visto que, a fim de preencher essa falta e dar sentido concreto ao seu desejo, busca incessantemente triunfar sobre o outro passando por cima de qualquer barreira.

Pode-se perceber, nas cenas dessa categoria, que momentos de glória e triunfo de Brandão estavam relacionados em diminuir, humilhar e calar o outro, para que seus desejos mais insanos e profundos, fossem supridos. Somente seu desejo importava, seu prazer estava em fazer o outro sofrer. Também, pode-se relacionar essas características do protagonista ao que Valas (2001) considera sobre o sujeito perverso, afirmando que indivíduos com essa estrutura buscam na individualidade do outro, razões para poder triunfar sobre ele, dominá-lo, a fim de provocá-lo sofrimento e obter prazer para si.

Desta forma, considera-se que o problema de pesquisa foi respondido, levando em consideração que a psicanálise freudiana pode contribuir para a compreensão do lugar do outro em um sujeito com traços perversos a partir do momento em que se estuda esse funcionamento psíquico. Sabe-se que indivíduos que apresentam esses traços, escolhem violar os direitos e sentimentos do outro, a fim de sanar seu desejo de prazer e glorificar-se com o ato. Esses sujeitos que, muitas vezes, são promíscuos e imorais, executam suas ações sem interdições simbólicas, almejando apaziguar suas próprias tensões às custas do outro (Mendonça *et al.*, 2021).

Para o perverso, o outro é alguém que lhe garante prazer imenso quando destruído e humilhado; é um objeto a ser usado, manipulado e facilmente descartado quando oferece aquilo que ele quer, sendo invisível quanto a ser alguém com desejos próprios. Assim, por meio das reflexões acerca do artefato cultural trabalhado e das leituras sobre o assunto, é possível retomar que na perversão, há uma conversão de um trauma da infância em um triunfo adulto, em que o outro se torna um sujeito desqualificado (Ferraz, 2008). Pode-se pensar que o indivíduo com traços perversos percebe o outro com uma invisibilidade quanto a ser um sujeito desejante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo, discutir as possíveis contribuições da teoria psicanalítica freudiana para a compreensão do lugar do outro em um sujeito com traços perversos. Assim sendo, se fez necessário primeiramente abordar e diferenciar os conceitos de perversão e psicopatia e posteriormente, apresentar o lugar do outro no funcionamento psíquico do sujeito neurótico e do sujeito perverso. Essas temáticas conduziram para um possível entrelaçamento do conteúdo com um artefato cultural, no qual foi possível abarcar essas questões por meio da psicanálise.

O artefato escolhido foi a primeira temporada da série brasileira “Bom dia, Verônica”, do cineasta José Henrique Fonseca. Lançada em 1º de outubro de 2020, com 8 episódios de, em média, 40 a 50 minutos de duração cada um. A série retrata a história de Janete, uma mulher que sofre nas mãos do marido Brandão, um policial de renome. O caso escolhido como artefato a ser analisado propiciou uma investigação do que fora apresentado na revisão de literatura, pois acredita-se que os objetivos principais foram alcançados de maneira satisfatória, de forma a discutir conceitos e refletir sobre a temática com aporte teórico psicanalítico. Ademais, também houve uma aproximação de conceitos com a linha teórica escolhida na sessão da discussão, o que ampliou ainda mais os conhecimentos e a experiência acadêmica.

Pensando na revisão de literatura deste trabalho, entende-se que é de grande importância que se reconheça ou pelo menos, tente-se compreender como se apresenta um sujeito com traços perversos, para que assim, se possa refletir sobre esse funcionamento psíquico e as infinitas possibilidades que ele encontra para se relacionar com o outro, à sua maneira. Isso porque, como foi visto até aqui, um indivíduo perverso procura estabelecer um laço para oferecer ao outro tudo aquilo que ele acha que lhe falta, como uma forma de preenchimento de si mesmo.

Na teoria freudiana, a perversão seria original e universal a todos os seres humanos, ela estaria presente nas fases iniciais do desenvolvimento psicosssexual de todas as crianças, contudo, como esse indivíduo age diante à castração, é o que faz ele se enquadrar em um funcionamento psíquico sadio ou patológico. A partir do momento que comportamentos e atitudes passam a envolver e prejudicar o outro, devido a sentimentos reprimidos da infância, pode-se pensar na perversão como base do psiquismo. A maneira que esse sujeito se envolve com o outro, seu posicionamento fora

da normalidade e seus relacionamentos não-saudáveis, tanto no âmbito pessoal, profissional ou social, fazem dele um sujeito passível de atenção.

Considera-se que o artefato cultural escolhido foi extremamente explorado, pois por intermédio deste, foi possível fazer uma reflexão sobre como indivíduos com possíveis traços perversos, podem e utilizam-se da manipulação e da teatralização sem escrúpulos, para preencher uma lacuna que só cabe a ele. Aqui, destaco a riqueza das cenas da série, as quais mostraram o conteúdo estudado de forma clara e de fácil entendimento, deixando explícito como um sujeito pode usar o outro de forma a se tornar o próprio objeto de satisfação do mesmo, triunfando com esse fato.

Diante disso, destaca-se a relevância de mais estudos nesta área, lembrando que este projeto não esgota a temática do funcionamento psíquico perverso, mas amplia ainda mais a compreensão da forma com que esses sujeitos podem se relacionar e lidar com seus desejos. As experiências e vivências subjetivas e o meio social em que está inserido, influenciam diretamente na maneira com que a perversão vai ser externalizada, por isso, faz-se imprescindível um aprofundamento no tema.

Enquanto futura profissional psicóloga, em termos de conhecimento, este trabalho de conclusão de curso possibilitou reflexões acerca dos conhecimentos já adquiridos, atualizando-as no que diz respeito ao sujeito perverso, como para a compreensão do lugar do outro para tal. Desse modo, esta pesquisa contribuiu para a ampliação das concepções sobre esse funcionamento psíquico e despertou ainda mais o interesse sobre o assunto e o vasto campo de possibilidades de inserção profissional, visto que sujeitos com traços perversos podem estar em qualquer lugar.

O psicólogo tem muito a contribuir com sua atuação, pois é apto para considerar a subjetividade e a história de cada sujeito, o que, conseqüentemente, abre um leque de possibilidades no que diz respeito ao funcionamento psíquico e suas formas de relação com o outro. Contudo, é importante ressaltar que essa temática necessita ser mais explorada e exige um constante trabalho de estudos, leitura e atuação, em que seja possível a vivência prática. É importante perceber que o conhecimento nunca se encerra, devendo o profissional estar atento aos pequenos sinais que sujeitos perversos deixam transparecer ao longo da sua vida, tanto para com ele quanto em relação ao outro.

REFERÊNCIAS

- Alberti, S. (2005). A perversão, o desejo e a pulsão. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 5 (2), 341-360.
- Baratto, G. (2009). A descoberta do inconsciente e o percurso histórico de sua elaboração. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29 (1), 74-87.
- Baségio, F. L. & Rosa, N. C. D. F., Jr. (2017). A perversão enquanto estrutura e sua incidência na transferência. *Fractal: Revista de Psicologia*, 29 (1), 65-70. DOI: 10.22409/19840292/v29i1/1464
- Bergeret, J. (1998). *A personalidade normal e patológica* (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. (1ª ed., Trad. Monica Seineman). São Paulo: Escuta
- Calheiros, M. G. (2013). *Psicopatia e perversão: características comuns e diferenciais, processo de passagem ao acto e perfil criminal*. Dissertação de Mestrado em Psicocriminologia, Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal.
- Cassiani, S. H. B., Caliri, M. H. L. & Pelá, N. T. R. (1996). A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 4 (3). DOI: 10.1590/S0104-11691996000300007
- Castro, J. E. (2015). A presença do objeto *a* na neurose e na psicose e o desejo do psicanalista. *Tempo Psicanalítico*, 47 (2), 45-68.
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise* (1ª ed., Trad. Francisco Franke Settineri). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Costa, A. & Bonfim, F. (2014). Um percurso sobre o falo na psicanálise: primazia, querela, significante e objeto *a*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17, 229-245.
- Coutinho, A. H. A., Salles, A. C. T. C., Silva, B. R., Delfino, E. M., da Silva, E. M., Moraes, G., Morais, M. B. L. et al. (2004). Perversão: uma clínica possível. *Reverso*, 26 (51), 19-27.
- Drawin, C & Moreira, J. (2018). A *Verleugnung* em Freud: análise textual e considerações hermenêutica. *Psicologia USP*, 29 (1). DOI 10.1590/0103-656420160171
- Ferraz, F. C. (2008). *Perversão - Clínica Psicanalítica*. (5ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo

- Formigoni, M. C. (2016). Perversão ou “posição perversa”: caminhos para a construção de uma hipótese diagnóstica. *Revista de Psicanálise Stylus*, (32), 123-135.
- Freud, S. (1999). *Fetichismo*. (1ª ed., Trad. Paulo César de Souza). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em [1927])
- Freud, S. (2016). *Neurose, psicose e perversão* (1ª ed., Trad. Maria Rita Salzano Moraes). Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Trabalho original publicado em [1905])
- Freud, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1ª ed., Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Editora Schwarcz S.A. (Trabalho original publicado em [1901-1905]).
- Fróes, H. & Viana, T. C. (2016). A noção de inconsciente nos primeiros textos de Freud: do cognitivo ao reino das sombras. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16 (4), 1334-1349.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (4ª ed.) São Paulo: Editora Atlas
- Gonzaga Júnior, L. E. (2008). As relações de trabalho contemporâneas e a perversão. *Reverso*, 30 (56), 103-110.
- Hauck Filho, N., Teixeira, M. A. P., & Dias, A. C. G. (2009). Psicopatia: o construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*, 8 (3), 337-346.
- Jardim, A. C. S. & Pereira, V. S. (2009, 26 a 30 julho). Metodologia qualitativa: é possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo? Trabalho apresentado no 47º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Porto Alegre - RS, Brasil.
- Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A construção do saber*. (1ª ed. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri). Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG
- Machado, P. E. (2018). As estruturas clínicas na visão da psicanálise. *Psicologias do Brasil*. Acesso em 25 de abril de 2022 de <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/as-estruturasclinicas-na-visao-da-psicanalise/>
- Marta, T. N. & Mazzoni, H. M. O. (2010). Assassinos em série: uma análise legal e psicológica. *Pensar-Revista de Ciências Jurídicas*, 15 (1), 303-322.

- Martinho, M. H. C. (2011). Perversão: um fazer gozar. Tese de doutorado publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.
- Mello Neto, G. A. R. M. & Schmitt, L. S. (2011). Perversão e contemporaneidade: um discurso equivocado? *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (2), 182-194.
- Mendonça, R. L., Silva, M. L., Couto, D. P., Rodrigues, C. E., Caetano, A. A. R. & Teodoro, E. F. (2021). A neurose como negativo da perversão: um estudo das perversões em Freud. *Psicologia Ciência e Profissão*, 41. DOI: 10.1590/1982-3703003218321
- Morana, H. C. P.; Stone, M. H. & Abdalla-Filho, E. (2006). Transtornos de personalidade, psicopatia e *Serial Killers*. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 28 (2). DOI: 10.1590/S1516-44462006000600005
- Nasio, J. D. (1997). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Transmissão da Psicanálise
- Pfitscher, M. A. & Braga, D. B. (2012, maio-junho). Estrutura perversa: efeitos midiáticos e articulações com o social. Trabalho apresentado no *1º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade*, Santa Maria, RS - Brasil.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. (1ª ed. Trad. Vera Ribeiro & Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda
- Santos, A. B. R. & Besset, V. L. (2013). A perversão, o desejo e o gozo: articulações possíveis. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30 (3). DOI: 10.1590/S0103-166X2013000300010
- Serafim, A. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I. & Barros, D. M. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 36 (3). DOI: 10.1590/S0101-60832009000300004
- Tomaselli, T. (2010). O conceito de renegação em psicanálise. *Rede Psi*. Acesso em 25 de abril de 2022 de <https://www.redepsi.com.br/2010/02/10/o-conceito-de-renega-o-em-psicanlise/?msclkid=a158a011c4e311ec9034889f189fec27>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2020). *Figuras e tabelas em artigos científicos*. Biblioteca Prof. Lydio Machado Bandeira de Mello.
- Valas, P. (1990). *Freud e a Perversão* (1ª ed., Trad. Dulce Duque Estrada). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. (1ª ed. Trad. Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.

- Vale, A. L. A. & Cardoso, M. R. (2020). “Sua Majestade, o perverso”: domínio e onipotência nas perversões. *Psicologia USP*, 31. DOI: 10.1590/0103-6564e180138
- Zimmerman, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica, uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed